

# **CAPÍTULO II - INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, INTEGRIDADE CIENTÍFICA E RECONFIGURAÇÕES NAS COMPETÊNCIAS DO BIBLIOTECÁRIO NO ENSINO SUPERIOR**

Sergio Eduardo Silva Caldas

## **INTRODUÇÃO**

A inteligência artificial (IA) entrou nas bibliotecas universitárias antes mesmo de muitos de nós percebermos que ela já estava redefinindo o modo de buscar informação, bem como o próprio sentido de orientar, avaliar e produzir conhecimento. Em um contexto em que algoritmos passam a intermediar a produção científica, o bibliotecário, tradicionalmente reconhecido por atuar como mediador do acesso à informação, passa a incorporar também o papel de mediador da ética, da confiabilidade e da integridade do conhecimento.

A consolidação da IA no ensino superior e na pesquisa científica tem produzido transformações que ultrapassam o campo instrumental das tecnologias digitais, alcançando

dimensões éticas, institucionais e profissionais. No contexto universitário contemporâneo, ferramentas de IA generativa passaram a impactar práticas de ensino, aprendizagem, produção e circulação da informação, ao mesmo tempo em que tensionam referenciais tradicionais de autoria, validação e confiabilidade do conhecimento científico.

Nesse cenário, a discussão sobre integridade científica assume crescente relevância. O uso de ferramentas de IA em atividades acadêmicas e científicas amplia debates relacionados à transparência, responsabilidade intelectual, rastreabilidade da pesquisa e confiabilidade dos registros científicos. Diretrizes internacionais e nacionais reforçam que o uso dessas tecnologias deve permanecer submetido à supervisão humana, à transparência de utilização e ao compromisso ético com a qualidade da produção científica (Unesco, 2023; Capes, 2025).

Diante dessas transformações, a biblioteca universitária amplia sua relevância institucional, que tradicionalmente é vinculada ao apoio à pesquisa e ao desenvolvimento de competências informacionais, passa a ocupar posição estratégica na orientação sobre uso ético de tecnologias emergentes e no fortalecimento de práticas acadêmicas responsáveis (Ibict, 2026). Nesse sentido, a atuação do bibliotecário expande-se para além do tratamento e organização da informação, incorporando dimensões formativas, consultivas e institucionais.

Na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), essas discussões ganharam maior visibilidade a partir da aproximação entre o Comitê de Integridade Científica e o Sistema de Bibliotecas e Informação (SBI), especialmente diante do aumento das demandas relacionadas ao uso da IA na pesquisa e no ensino. A experiência institucional evidenciou mudanças significativas na atuação do profissional da informação, que passou a lidar com questões relacionadas à

autoria acadêmica, uso ético da IA, transparência científica e orientação da comunidade universitária.

À luz desse contexto, se propõe a relatar e refletir sobre a experiência de atuação de um bibliotecário gestor e integrante do Comitê de Integridade Científica da PUC-Campinas diante das transformações produzidas pela IA no ambiente universitário. Busca-se, ainda, analisar de que modo a IA vem impactando competências, práticas e espaços de atuação do bibliotecário, especialmente em dimensões relacionadas à formação acadêmica e à integridade acadêmica e científica.

## CONTEXTO INSTITUCIONAL E ESPAÇO DE ATUAÇÃO

No âmbito institucional da PUC-Campinas, a experiência relatada insere-se em uma instituição de ensino superior com trajetória consolidada nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, que mantém, por meio do SBI, uma estrutura de apoio à produção e à circulação do conhecimento acadêmico e científico (PUC-Campinas, 2026a).

Nesse ambiente, a biblioteca universitária ultrapassa a função tradicional de disponibilização e recuperação da informação, embora essas atividades permaneçam fundamentais, assumindo também papel de mediação, formação crítica e suporte às atividades acadêmicas e científicas. Ainda nesse contexto, a temática da integridade científica passou a ocupar posição mais central a partir do fortalecimento de iniciativas voltadas à promoção de boas práticas em pesquisa, destacando-se o Comitê de Integridade Científica da Universidade, instância institucional formalmente constituída, vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão (PROPPE), instância consultiva e formativa orientada à promoção da ética e da integridade na produção científica institucional (PUC-Campinas, 2026b).

Em consonância com essa estrutura, diretrizes institucionais para o uso de IA em atividades acadêmicas estabelecem a exigência de transparência e responsabilidade na produção do conhecimento, incluindo a Declaração de Emprego de Inteligência Artificial (DEIA) como instrumento de integridade científica. Essa medida reforça práticas de rastreabilidade e responsabilidade no uso de sistemas baseados em IA (PUC-Campinas, 2025).

Essa configuração indica que a integridade científica constitui elemento relevante da governança acadêmica, da qualidade da produção científica e da formação universitária, com impacto direto na credibilidade, na relevância e na responsabilidade social da pesquisa.

Foi nesse contexto que se intensificaram as demandas relacionadas ao uso da IA no ambiente acadêmico. Se anteriormente as discussões institucionais estavam concentradas em questões associadas ao plágio e à honestidade intelectual, a disseminação das ferramentas de IA generativa ampliou significativamente a complexidade desse debate (Gamba; Righetti, 2024).

Tornou-se necessário refletir sobre a produção automatizada de textos, a reescrita assistida por algoritmos, a geração automática de referências, a elaboração de resumos e a análise de dados e resultados, mediados por infraestruturas algorítmicas, ou seja, as interferências da IA em diferentes etapas da pesquisa e da escrita acadêmica e científica. Essas transformações passaram a exigir novas formas de orientação e acompanhamento institucional, especialmente em relação à transparência no uso das ferramentas digitais e à preservação da responsabilidade intelectual dos autores humanos.

Diante desse cenário, o SBI passou a desenvolver ações de curadoria e mediação, em articulação com o Comitê de Integridade Científica, voltadas ao enfrentamento dessas demandas. Entre as iniciativas realizadas, destacam-se a

elaboração de curadorias temáticas com materiais de acesso aberto sobre integridade científica e inteligência artificial, organizadas para subsidiar estudantes, docentes e pesquisadores na compreensão crítica do tema. Também foi desenvolvida uma curadoria dedicada ao mapeamento de políticas institucionais sobre o uso de IA em universidades brasileiras, construída como referência para subsidiar a elaboração de uma política institucional da PUC-Campinas sobre o uso da IA generativa, de modo mais consistente e alinhado às boas práticas nacionais e internacionais (PUC-Campinas, 2026a).

A participação em espaços institucionais de construção, especialmente no Comitê de Integridade Científica, reforçou a ampliação da atuação do bibliotecário nesse contexto. Desde 2022, na condição de bibliotecário gestor do SBI, integro o referido comitê como membro, o que tem possibilitado o acompanhamento de discussões relacionadas às boas práticas em pesquisa, com especial atenção aos impactos da IA no contexto de novas tendências universitárias. Nesse percurso, observa-se uma inserção em debates que articulam gestão acadêmica, pesquisa, formação e ética científica.

A experiência institucional traz, portanto, que a atuação do bibliotecário se expande diante das transformações produzidas pela IA no ensino superior. Além das competências tradicionalmente associadas à organização e à mediação da informação, tornam-se cada vez mais relevantes habilidades relacionadas às literacias informacionais e digitais, na perspectiva crítica, à formação acadêmica, à comunicação institucional e à participação em processos de governança universitária.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza descritiva e reflexiva. A experiência profissional com a inserção da IA consolida uma mudança substantiva no papel do bibliotecário e, de forma mais ampla, do profissional da informação. Se, historicamente, essa atuação esteve associada à guarda, organização, recuperação e mediação do acesso à informação, o cenário atual, marcado pela presença de recursos de IA generativa, exige um reposicionamento diante de um ecossistema informacional mais dinâmico e automatizado. Dessa forma, a IA amplia a centralidade do bibliotecário ao demandar competências críticas, éticas e pedagógicas no campo da integridade científica.

No cotidiano institucional, essa transformação se expressa na passagem de uma mediação técnica para uma atuação de caráter formativo e interpretativo. As demandas passam a incluir, com maior frequência, questões relacionadas ao uso ético da IA, à autoria acadêmica e à confiabilidade da informação em ambientes tecnológicos.

Um dos desafios recorrentes tem sido a compreensão conceitual da própria IA, especialmente as distinções entre IA, IA generativa (IAG) e modelos de linguagem (LLMs), o que impacta diretamente a orientação da comunidade acadêmica.

Dado o entrelaçamento que se estabelece entre programa (software), código e algoritmo, apontar para diferenças entre eles é importante para se entender o algoritmo que, por ser o personagem proeminente no campo da IA, exige que seja mais bem compreendido (Santaella, 2023, p. 30).

Essa dificuldade aparece de forma transversal entre estudantes, docentes e pesquisadores. Nesse contexto, uma

experiência significativa envolveu uma demanda oriunda da área editorial de um periódico institucional, relacionada ao uso de IA na publicação científica. A situação evidenciou tensões entre a adoção crescente dessas ferramentas e a ausência de consensos institucionais consolidados sobre transparência, autoria e responsabilidade no uso da tecnologia. Outro ponto recorrente refere-se às chamadas “alucinações” de sistemas de IA, especialmente na geração de referências bibliográficas inexistentes ou incorretas. Esse fenômeno tem trazido implicações para a integridade científica, demandando a necessidade de orientação contínua sobre verificação de fontes e avaliação crítica da informação antes da submissão de trabalhos acadêmicos.

De forma articulada a essas situações, observam-se dimensões recorrentes na prática profissional, tais como:

- a) compreensão conceitual da IA e suas aplicações acadêmicas;
- b) verificação crítica da confiabilidade da informação e de referências geradas por IA;
- c) mediação de questões éticas emergentes, como a distinção entre plágio e uso de IA;
- d) ações formativas e preventivas voltadas à integridade científica;
- e) suporte à reflexão institucional sobre o uso responsável da IA na pesquisa.

Paralelamente, a distinção entre plágio e produção de texto com apoio de IA permanece como um desafio ainda em consolidação na comunidade acadêmica e científica. Essa fronteira conceitual difusa tem demandado ações formativas contínuas, especialmente no âmbito institucional, sustenta a importância da mediação informacional na promoção da integridade científica (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024).

Ao mesmo tempo, a atuação profissional passa a ser marcada por demandas constantes de atualização,

acompanhamento de debates emergentes e orientação a diferentes perfis de usuários, desde estudantes em formação até pesquisadores e editores científicos.

## **Uso da Inteligência Artificial no contexto da biblioteca**

A incorporação da IA ao ecossistema acadêmico da biblioteca universitária tem provocado uma reconfiguração estrutural das competências do bibliotecário e, de modo mais amplo, do profissional da informação.

Em um ambiente marcado por aplicações de IA, observa-se uma transição em que a atuação profissional deixa de se apoiar predominantemente em competências técnico-operacionais e passa a exigir uma combinação mais complexa de competências informacionais, digitais, críticas e éticas. Trata-se, portanto, de um reposicionamento da profissão diante de um contexto informacional mediado por algoritmos (ABCD-USP, 2025).

Nessa conjuntura, a competência informacional permanece como base, embora deixe de ser suficiente isoladamente, articulando-se a dimensões como a literacia digital e informacional, a compreensão de sistemas de inteligência artificial e a leitura crítica de seus limites técnicos, éticos e epistemológicos.

A biblioteca universitária consolida-se, nesse contexto, como agente de transformação ao contribuir para a qualificação do uso da informação na produção científica, tendo a metaliteracia, entendida como a integração entre dimensões informacionais, digitais e críticas, como elemento central desse processo, compreendendo-se que “ao desenvolver a [literacia] em IA em todo o ecossistema de pesquisa, os bibliotecários podem ajudar a salvaguardar sua integridade e sustentabilidade (ABCD-USP, 2025).

Essa ampliação expressa o caráter formativo da atuação profissional, especialmente no que se refere à integridade científica e à transparência na produção do conhecimento.

A integridade científica, então, passa a depender cada vez mais da capacidade institucional de formar sujeitos críticos no uso da informação e das tecnologias digitais, tendo a biblioteca universitária a responsabilidade de ser espaço de mediação formativa e de apoio à consolidação de práticas acadêmicas responsáveis (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024).

Assim, do ponto de vista funcional, a mediação da informação também se transforma. Em ambientes permeados por IA, o papel do bibliotecário sofre um deslocamento, sendo redefinido pelas necessidades de novos serviços, como referência, curadoria e apoio à pesquisa, que passam a demandar maior capacidade analítica e avaliativa.

Esse deslocamento evidencia a transição de uma atuação predominantemente técnico-operacional para um papel mais estratégico, pedagógico e crítico. As competências tradicionais permanecem relevantes, mas são reconfiguradas e articuladas a novas exigências à formação em pesquisa e à integridade científica (ABCD-USP, 2025; CFB, 2025).

Esse cenário também traz desafios, como a rápida evolução das ferramentas de IA, a ausência de diretrizes consolidadas em determinados contextos institucionais e a necessidade permanente de atualização profissional. Soma-se a isso a lacuna formativa em temas como inteligência artificial e mediação algorítmica, o que reforça a centralidade da formação continuada e do aprendizado colaborativo entre profissionais da informação. Nessa perspectiva:

A formação continuada, por sua vez, consolida-se como eixo estruturante dessa nova configuração profissional. Nessa perspectiva, “o futuro das bibliotecas universitárias, mediado pela inteligência

artificial, é promissor e repleto de oportunidades”, exigindo que bibliotecários e profissionais da informação assumam compromisso contínuo com processos formativos e atualização profissional (Okuno, 2024, p. 15).

Sob o olhar ético e institucional, a IA apresenta simultaneamente potencialidades e riscos. Se, por um lado, pode apoiar processos de levantamento, organização, triagem e análise de dados de pesquisa, por outro amplia desafios relacionados ao uso indevido de conteúdos gerados automaticamente, exigindo clareza na distinção entre usos legítimos da tecnologia e práticas que comprometem a integridade científica.

A incorporação da IA à prática bibliotecária não implica substituição, mas reconfiguração. Sua adoção exige supervisão humana, critérios institucionais claros e compromisso ético contínuo. Nesse equilíbrio, preserva-se o núcleo da atuação profissional: a interpretação contextual da informação, o julgamento crítico e a responsabilidade social diante do conhecimento. A formação continuada, por sua vez, consolida-se como eixo estruturante dessa nova configuração profissional.

Diante disso, autores já apontavam que os efeitos das tecnologias contemporâneas e seus desdobramentos ainda não são plenamente conhecidos, podendo configurar cenários futuros marcados por impactos significativos e pouco antecipados (Marcondes *et al.*, 2006). Em diálogo com esta problemática, observa-se o cenário em que:

[...] a IA pode produzir benefícios e desvantagens, tanto mitigando quanto ampliando desigualdades. Para o autor, trajetórias equitativas e sustentáveis dependem não apenas de regulamentação e padrões comuns, mas também do emprego

de uma estrutura de princípios éticos capaz de situar ações concretas e orientar decisões em contextos específicos (Floridi, 2024 *apud* Vechi *et al.*, 2026, p. 23).

Nessa perspectiva, o uso não mediado ou pouco crítico dessas tecnologias pode expor os sujeitos a riscos decorrentes de sua aplicação inconsequente, incluindo o contexto da IA.

## **Resultados e impactos da IA Incorporada à Atuação Bibliotecária**

A experiência profissional com a inserção da IA no contexto da biblioteca universitária resultou em mudanças significativas na atuação do bibliotecário, especialmente no fortalecimento de um papel mais formativo, interpretativo e igualmente articulador orientado à integridade científica. Observa-se melhoria qualitativa no atendimento à comunidade acadêmica, na medida em que as demandas passaram a ser tratadas além da perspectiva técnica da busca e recuperação da informação.

Entre os principais impactos, destaca-se a ampliação de ações voltadas à mediação crítica da informação, especialmente em temas como autoria acadêmica, confiabilidade de conteúdos gerados por IA e verificação de referências bibliográficas. Também se revelou a otimização de processos institucionais a partir da realização de curadorias temáticas e do apoio à formulação de diretrizes institucionais, o que contribuiu para maior organização e sistematização das informações sobre integridade científica e inteligência artificial.

Dessa forma, a atuação bibliotecária pode ser sintetizada na matriz (Quadro 1), a seguir, que mostra a reconfiguração das competências no campo da integridade científica e da IA.

**Quadro 1** – Matriz de reconfiguração das competências do bibliotecário frente à IA e à integridade científica.

| <b>Dimensão</b>                 | <b>Competências tradicionais</b>            | <b>Competências reconfiguradas (IA e integridade científica)</b>                          |
|---------------------------------|---------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Integridade científica</b>   | Orientação sobre plágio e normas            | Mediação de autoria, transparência e uso ético de IA; apoio a diretrizes institucionais   |
| <b>Mediação da informação</b>   | Atendimento e busca informacional           | Mediação crítica de conteúdos e sistemas de IA; interpretação de resultados automatizados |
| <b>Apoio à pesquisa</b>         | Suporte a bases, referências e normalização | Apoio à integridade metodológica; orientação sobre uso responsável de IA na pesquisa      |
| <b>Formação acadêmica</b>       | Treinamentos em bases de dados              | Formação em literacia informacional, digital e em IA aplicada à integridade científica    |
| <b>Curadoria informacional</b>  | Organização de acervos e fontes             | Curadoria de políticas, diretrizes e evidências sobre integridade científica e IA         |
| <b>Governança institucional</b> | Participação técnica em políticas           | Atuação em comitês de integridade científica e apoio a políticas institucionais de IA     |
| <b>Avaliação da informação</b>  | Critérios de qualidade de fontes            | Validação crítica de informações e conteúdos gerados por IA                               |

**Fonte:** Elaborada pelo autor (2026).

Do ponto de vista qualitativo, observa-se ganho de profundidade na orientação acadêmica, com maior capacidade de análise crítica sobre o uso de ferramentas de IA generativa, embora persistam desafios relevantes, como a compreensão conceitual das distintas categorias de inteligência artificial, especialmente IA generativa e modelos de linguagem (LLMs), além de questões éticas relacionadas à autoria, transparência e

uso responsável dessas tecnologias. Também se destacam as chamadas “alucinações” de sistemas de IA como uma limitação prática recorrente, exigindo constante mediação e validação da informação.

Outro impacto relevante refere-se à necessidade contínua de capacitação da equipe e atualização profissional, diante da rápida evolução das tecnologias e da ausência de consensos institucionais plenamente consolidados sobre seu uso. Nesse cenário, a experiência alinha-se ao papel estratégico da biblioteca universitária no contexto das bibliotecas da Rede ODUCAI Brasil como espaço de formação, curadoria informacional e apoio à governança acadêmica.

A experiência indica, ainda, possibilidades de replicação em outras instituições, especialmente no que se refere à criação de curadorias informacionais, apoio a políticas institucionais de IA e atuação em comitês de integridade científica, consolidando a biblioteca como agente central na promoção da literacia informacional, digital e crítica em ambientes mediados por algoritmos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entende-se que a experiência analisada sugere a perspectiva de que a incorporação da IA ao ambiente universitário ultrapassa uma dimensão meramente tecnológica, alcançando diretamente os modos de produção, validação e circulação do conhecimento.

No contexto da PUC-Campinas, sob a ótica da biblioteca universitária, a atuação vinculada ao Comitê de Integridade Científica, por meio do SBI e no âmbito da representação institucional da biblioteca universitária e do Núcleo de Editoração da Universidade, posiciona a biblioteca como espaço de apoio à sustentação de critérios de confiabilidade e responsabilidade acadêmica e científica na universidade.

No entanto, a ampliação do uso da IA no cotidiano acadêmico e científico também revela um cenário em que nem todos os referenciais institucionais estão plenamente estabilizados. Questões como autoria, transparência, rastreabilidade do processo de escrita, confiabilidade de conteúdos gerados por sistemas automatizados e preocupações relacionadas ao plágio ainda se encontram em disputa, exigindo orientação técnica e conceitual, além da construção coletiva de entendimentos.

Nesse sentido, dá-se o reposicionamento necessário do profissional da informação em bibliotecas universitárias, no qual informar já não é suficiente; ou seja, é necessário também interpretar e problematizar.

Dentre esses desafios, é extremamente necessário munir-se de informações não apenas a respeito de sua comunidade acadêmica, mas, igualmente, a respeito das tendências tecnológicas aplicáveis às bibliotecas universitárias, a fim de adaptar essas tendências ao próprio contexto (Corrêa; Garcia-Quismondo, 2021, p. 438).

O desafio contemporâneo está em acompanhar as tendências do ensino, da aprendizagem e da pesquisa e, ainda, em compreender como tecnologias emergentes, a exemplo das ferramentas baseadas em IA, participam de sua própria produção, tensionando fronteiras tradicionais entre autoria humana e mediação algorítmica. Esse movimento tem implicações diretas para a identidade profissional do bibliotecário, trazendo noções como verdade científica, confiabilidade e responsabilidade na produção do conhecimento, o que se tornam estruturantes. Assim, a integridade científica deixa de depender exclusivamente de normas e diretrizes e passa a se sustentar também em práticas

cotidianas de leitura crítica, interpretação e validação e reuso da informação.

Nesse horizonte, observa-se um processo contínuo de reconfiguração da prática bibliotecária nas bibliotecas universitárias, em resposta à dinamicidade dos sistemas informacionais e educacionais do ensino superior contemporâneo, no qual a IA tende a redefinir os próprios modos de uso, mediação e produção do conhecimento na universidade, demandando uma atuação bibliotecária articulada ao contexto institucional.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASILEIRA E COLEÇÕES DIGITAIS (ABCD). **Bibliotecários como guias na era da Inteligência Artificial IA**. São Paulo: ABCD-USP, 2025. Disponível em <https://www.abcd.usp.br/informa/bibliotecarios-como-guias-ia/>. Acesso em: 19 maio 2026.

COMMITTEE ON PUBLICATION ETHICS (COPE). **Ethical guidelines for peer reviewers**. Version 2. [S.l.]: COPE, 2017. Disponível em: <https://publicationethics.org/guidance/guideline/ethical-guidelines-peer-reviewers>. Acesso em: 27 abr. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA (CFB). **Mês da(o) Bibliotecária(o) 2025**: b na era da Inteligência Artificial. Brasília, DF: CFB, 2025. Disponível em: <https://cfb.org.br/noticias/mes-dao-bibliotecario-2025-bibliotecas-na-era-da-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 27 abr. 2026.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **A inteligência artificial na pesquisa e no fomento**: desafios e oportunidades. Brasília, DF: CAPES, 2025. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23042025\\_Relatorio\\_2575649\\_A\\_inteligencia\\_artificial\\_na\\_pesquisa\\_e\\_no\\_fomento.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23042025_Relatorio_2575649_A_inteligencia_artificial_na_pesquisa_e_no_fomento.pdf). Acesso em: 10 maio 2026.

CORREA, E. C. D.; GARCIA-QUISMONDO, M. Á. M. Tendências de inovação em serviços de bibliotecas universitárias: estudo de caso do CRAI – Universitat Pompeu Fabra em Barcelona, ES. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 430-455, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/149814>. Acesso em: 16 abr. 2026.

GAMBA, E.; RIGHETTI, S. **Mynews explica**: negacionismo científico e suas consequências. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (Ibict). **Inteligência artificial na editoração científica em ciência aberta**: riscos, integridade científica e governança editorial. Brasília, DF: Editora Ibict, 2026.

MARCONDES, C. H.; KURAMOTO, H.; TOUTAIN, L. B.; SAYÃO, L. F. (org.). **Bibliotecas digitais**: saberes e práticas. 2.ed. Salvador, BA: UFBA; Brasília, DF: Ibict, 2006. 336 p.

OKUNO, P. H. Aspectos positivos da integração da inteligência artificial nas bibliotecas públicas universitárias federais: potencializar a educação e a gestão acadêmica. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, Curitiba, v. 22, n. 11, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/articloe/view/7975>. Acesso em: 08 maio 2026.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. **Biblioteca**. Campinas: PUC-Campinas, 2026a. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/biblioteca/>. Acesso em: 12 maio 2026.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. **Comitê de Integridade Científica**. Campinas: PUC-Campinas, 2026b. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/ppe/comite-de-integridade-cientifica/>. Acesso em: 19 maio 2026.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. **Orientações sobre integridade científica**. Campinas: PUC-Campinas, 2025. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/wp->

content/uploads/2025/12/Orientacoes-INTEGRIDADE-CIENTIFICA\_nov25-1-1.pdf. Acesso em: 16 mar. 2026.

SAMPAIO, R. C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. **Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa**: um guia prático para pesquisadores. 2024. Disponível em: <https://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/livro-diretrizes-ia.pdf>. Acesso em: 10 maio 2026.

SANTAELLA, L. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: 70, 2023. 178 p.

UNITED NATIONS EDUCATION, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (Unesco). **Guidance for generative AI in education and research**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386693>. Acesso em: 8 maio 2026.

VECHI, B. D.; SHINTAKU, M.; MAIA, M. A. Q.; SOUSA, R. P. M. **Inteligência artificial na editoração científica em Ciência Aberta**: riscos, integridade científica e governança editorial. Brasília: Editora Ibict, 2026.